

Na universidade, eu gostei muito da botânica. Eu planejava ir para o sul do México, morar com os indígenas mexicanos e aprender deles como usar as plantas para sarar as pessoas, em um jeito de nome etno-botânica. O que aconteceu foi que no último ano da minha carreira universitária, eu tive de pegar uma aula de biologia molecular. Essa foi a classe mais dificultosa que eu tive, acho que na vida inteira. A primeira prova foi muito cruel para mim e eu só consegui uma nota muito baixa. Eu fiquei brava comigo mesma e comecei a tentar super duro: eu lia os livros e tomava notas antes e durante as aulas. Eu passei muito tempo estudando. E eu aprendi muito e adorei; foi amor na primeira prova! Daí, esqueci da etno-botânica e comecei a procurar um laboratório para pesquisar doenças humanas. Aconteceu que na minha cidade a universidade tinha um laboratório de pesquisa de pele. Eu comentei aos médicos da minha paixão pela pesquisa, e peguei emprego com eles.

Três anos mais tarde, o chefe do departamento de dermatologia no Medical College of Wisconsin apresentou uma palestra sobre a pesquisa em uma doença autoimune que acontece muito pouco nos países industrializados, mais é bem comum nos indígenas do Brasil. Os doentes tinham dado o nome de “Fogo Selvagem”, porque parece que a pele foi queimada gravemente em grandes áreas do corpo, como o peito, cara, pernas, braços. Não dá para acreditar que a doença vem de dentro do corpo, mas parece que o paciente sofreu graves queimaduras com um fogo selvagem.

Depois de várias trapalhadas, em 1990, eu consegui ser aceite no laboratório e eu abracei a pesquisa no MCW. O meu chefe falava espanhol, e um médico brasileiro foi o meu professor por seis meses. Trabalhar com o Dr. Ciro Martins, o primeiro brasileiro na minha vida, foi determinante e o mais importante para o meu triunfo no MCW. Com o português dele, Ciro conseguia se comunicar comigo. Ele fez muito mais do que me ensinar as novas técnicas das pesquisas. Ele passou de professor a querido amigo. A nossa amizade foi em volta da mesa da cozinha do MCW: Ciro gostava do nome mexicano das ameixas (ciruela). Mas ele não conseguia falar o nome certo. Todos os dias ele passava pela mesa quando eu comia e ele perguntava: “ceréntola time?” Para além de trabalhar juntos, nos tomávamos um descanso e comíamos “ceréntolas” juntos. Se você deseja uma boa, longa amizade, a minha recomendação é: alimentá-la com ameixas!

Seis meses mais tarde, Ciro voltou para Brasil. Eu estava pronta para continuar a pesquisa. Mas eu não estava pronta para ficar sem o meu amigo em uma terra estranha e sem falar a língua de forma suficiente. Eu não tinha compreendido que eu tinha achado muitos dos meus costumes mexicanos na amizade dum amigo brasileiro que me convidou para eu comer comida europeia (Ciro é um dos muitos descendentes de portugueses/italianos do Brasil).

As pesquisas estavam bem, eu tive um reconhecimento em dinheiro pelas minhas pesquisas na purificação da proteína que é reconhecida pelos anticorpos circulantes no sangue dos doentes. As possibilidades eram muitas e magníficas; mas eu ainda me sentia muito “solazinha”.



Felizmente, o grupo de investigação de Fogo Selvagem começou a chegar a Milwaukee. A primeira foi a Valeria Aoki. Ela e o marido, Luis Katayama são japoneses-brasileiros e foram os seguintes na longa linha dos médicos brasileiros que iam chegando. Valeria e eu trabalhamos na mesma pesquisa, continuando o trabalho que Ciro tinha iniciado. Mais importante, a amizade cresceu e o grupo de amigos também! Pouco depois da Valeria, a minha querida amiga Argelia López, veio do México. O Luís começou a praticar português com um estudante americano na UWM. Jason levou a gente ao primeiro esquí alpino, falou como esculpir abóboras e nos levou a um conceito muito estranho para nós: campos públicos de golfe! Ele também ajudou a nossa família internacional a seguir crescendo. Nós éramos um grupo muito interessante: mexicanas, brasileiros-chineses, japoneses, uma doutora peruana... e Dra. Rosicler Aiza Rocha Alvarez e seu marido Dr. Tomás Alvarez chegaram a Milwaukee. Eles abraçaram o grupo, tanto figurativamente como realmente. Com eles chegaram os três filhos: Isabel, Antonio e Tomacinho. A família pegou-nos como parte da família deles. A casa deles era o ponto de reunião para nós, era onde comíamos grandes jantãs de fofoca, pãozinho de queijo, e muitas mais comidas deliciosas. A casa da família Rocha Alvarez foi certamente o coração de nossa vida estudantil, lugar onde tínhamos uma voz para falar e onde havia orelhas para nos escutar, calor no frio inverno e frescura no verão quente. É por isso que as comidas brasileiras são a minha comida de conforto, ainda que eu não as tenha comido anteriormente.

Quando eu falei para ela o nome deste texto, Argelia não achou surpreendente. Claro! Eles encontraram duas mexicanas “solazinhas”, eles nos aceitaram e nos abraçaram... quando nós mais precisávamos.

É por isso que eu encontro conforto nas comidas brasileiras.



Dra. Monica C Olague-Marchan

A origem e realização de um magnífico sonho

Alguns sonhos podem ser projetos baseados em experiências do cotidiano, enquanto outros sonhos florescem de oportunidades que surgem durante os trajetos de nossa existência. Neste Canto eu compartilho um sonho e proponho uma reflexão: qual a ligação entre o desejo de realizar um sonho e a origem deste sonho?

Nativo de Governador Valadares, uma cidade no Vale do Rio Doce em Minas Gerais, Brasil, eu cresci vendo amigos e familiares emigrarem para o exterior em busca de uma vida melhor. Embora cada pessoa tenha sua própria definição de “uma vida melhor”, influenciado pelas interessantes histórias de emigrantes, eu comecei a sonhar com a possibilidade de explorar o mundo. Muito além de entrar em um avião para atravessar o oceano e carimbar o passaporte, meu sonho envolvia principalmente a chance de aprender a me comunicar de uma forma diferente, conhecer terras diferentes e experimentar gostos e estilos de vida diferentes. A diversidade me conquistou ao despertar em mim uma nova perspectiva para interpretar o que o mundo oferecia.

Depois de projetar e realizar a primeira etapa do sonho conhecendo lugares na Europa e nas Américas, eu embarquei em uma grande aventura: viver mais de quatro estações consecutivas em outra nação. O período mínimo foi uma condição por acreditar na união entre o homem e a natureza e na capacidade que um ciclo de estações completo tem de reproduzir diferentes comportamentos sociais. Por outro lado, o destino e o meio não foram prioridades, mas determinaram a continuação da execução do sonho. Um doutorado nos Estados Unidos foi a oportunidade que surgiu no momento mais apropriado para tomar a decisão de deixar as raízes junto com os maiores tesouros da vida. Toda escolha vem acompanhada de renúncias e cada sonhador saberá da energia e recursos necessários para a realização de um magnífico sonho. Apesar da saudade, palavra de difícil tradução em outros idiomas, a concretização deste grande sonho vem sendo sustentada pela sagrada rotina de viver cada momento como se fosse único e pelo constante sentimento de amadurecimento e evolução pessoal. Ainda hoje, pensamentos e questionamentos permeiam a compreensão a respeito da origem e sentido deste sonho, demonstrando que antigos e importantes sonhos não necessariamente precisam ser realizados, eles eventualmente podem ser renovados.

E você, já pensou sobre o porquê dos seus magníficos sonhos e como eles têm se renovado?

Um retrato de minhas raízes, o Parque Estadual do Rio Doce, Minas Gerais, Brasil –
Foto registrada pelo autor em Dezembro de 2014.



His Number Will Be One

His parents couldn't work it out
They divorced when he was young
And he realized as he grew old
His number would be one
His number would be one

Relationships would come and go
With the fun and the pain
And he learned that ones will never know
How twos play the game
It takes two to play the game

And he is full of love
And he is full of hate
And he hopes someone will find him
Before it's too late,

He goes into the grocery store
He's shopping just for one
But still he's got to find a jar
With the safety button down
Safety button down

With coupons in the checkout line
He's checking what's around
But the things he wants and really needs
Ain't one o nine a pound
\$1.09 a pound

And he is full of love
And he is full of hate
And he hopes someone will find him
Before it's too late,

He turned on the TV
Just the other day
Saw a piece on 60 minutes
Wouldn't go away
Wouldn't go away

There was this little girl
She had cancer in one eye
The doctor took the wrong one out
And now she has no sight
Now she has no sight

And he is full of love
And he is full of hate
And he hopes someone will find him
Before it's too late,

He will go to bed tonight
As the ones without will do
In a world he hates but wants to love
He'll dream of someone who
Can turn one into two

And he's afraid to run
And he's afraid to fight
So he's saving all his strength
To wish, with all his might

O Número Dele Será Um

Os pais dele não podiam resolvê-lo
Eles se divorciaram quando era novo
E ele percebeu enquanto envelheceu
O número dele seria um
O número dele seria um

Relações vão e vêm
Com a diversão e a dor
E aprendeu que alguns nunca saberiam
Como dois jogam o jogo
São precisos dois para jogar o jogo

E ele está cheio de amor
E ele está cheio de ódio
E espera que alguém se encontre
Antes que seja tarde demais

Ele entra no supermercado
Ele só vai comprar um
Mas ainda tem que encontrar uma jarra
Com o botão de segurança para baixo
Botão de segurança para baixo

Com cupons na fila do caixa
Ele está verificando o que está ao redor
Mas o que ele quer e precisa de verdade
Não é um e nove por libra
\$1.09 por libra

E ele está cheio de amor
E ele está cheio de ódio
E espera que alguém se encontre
Antes que seja tarde demais

Ele ligou a televisão
No outro dia
Viu uma parte de 60 minutos
Não iria embora
Não iria embora

Havia uma menina pequena
Ela teve câncer num olho
O doutor removeu o olho errado
E agora não tem visão
Ela não tem visão

E ele está cheio de amor
E ele está cheio de ódio
E espera que alguém se encontre
Antes que seja tarde demais

Ele vai para cama esta noite
Como os sem cama vão também
Num mundo que odeia mas quer amar
Ele vai sonhar com alguém que
Pode transformar um em dois

E ele tem medo de fugir
E tem medo de lutar
Então está guardando a força
Para desejar, com toda a força

Chris Smith
Ryan J. Ammerman - Tradução

Dez expressões que ouvi no Brasil

Aqui estão dez expressões e ditados comuns/úteis que ouvi no Brasil e que pode usar também. Falantes nativos sempre acham maneiro quando um estrangeiro usa! Anoto a expressão e depois uma breve explicação para cada uma.

1. "Não tem geladeira em casa?!"

O que a motorista vai falar depois de fechar a porta do carro forte demais. A porta é leve então não bate. Afinal, você não fecha a porta da sua geladeira assim não né?

2. "Segurar a vela"

O que você faz quando sai com um casal, por exemplo. Imagina que eles estão num date... você serve para que? Segurar a vela da mesa? Nossa versão nos Estados Unidos seria "ser a terceira roda".

3. "Se fosse uma cobra, te mordia"

O que falar para alguém que está procurando algo que fica pertinho da pessoa. Vamos supor que alguém perdeu o celular dele/a. Amigo da pessoa pode falar, "Que bom que é seu celular que está procurando, pois se fosse uma cobra, te mordia".

4. "(Não) É oito ou oitenta"

Pode significar que ou algo fica bem claro ou não fica claro, dependendo como você usa. Nossa versão é "(não) fica preto e branco".

5. "Água mole, pedra dura, tanto bate até que fura"

Com persistência vai conseguir! Do mesmo jeito que água pode esculpir na pedra depois de passar em cima consistentemente."

6. "Na vida tudo passa, até uva passa"

Um trocadilho para expressar que tudo na vida melhora com o passar do tempo.

7. “Quem não tem cão caça com gato”

Usa o que tem disponível para bater a meta ou conseguir qualquer coisa, mesmo que não seja a melhor ferramenta ou o melhor jeito para fazer ou conseguir. Exemplo: Está chovendo muito e não tem guarda-chuva. Melhor usar plástico ou mochila ou sei lá para te cobrir do que ficar todo molhado.

8. “Quando a esmola é demais o santo desconfia”

Cuidado com coisas que vem fácil demais ou parecem ser boas demais para ser verdade. Às vezes quando é assim pode ser um golpe. Não cai nessa!

9. "Falar até papagaio fala”

Uma chamada de ação. É fácil de falar qualquer coisa. Mais difícil é realmente fazer o que está falando, então faça!

10. "Um olho no peixe, outro no gato”

Usar para descrever uma situação que a pessoa está fazendo várias coisas ao mesmo tempo. Multitasking ou não prestando atenção direito numa tarefa



Água de Oceano: Um Anúncio de Serviço Público

Com minhas desculpas aos meus ídolos, o músico Victor Chaves e seu irmão, meu dopelganger Leonardo “Leo” Chaves, que escreveram a música original (https://www.youtube.com/watch?v=-E_rkXIEsLo). Amo, amo, amo essa música. Mas, Victor e Leo, uma (antiga) dupla sertaneja, vem de Manhuaçu, Minas Gerais. Eles realmente não conhecem a água de oceano. Então as letras corrigidas, abaixo, são meu anúncio de serviço público. Eu ficaria muito, muito feliz se Victor e Leo voltassem a cantar juntos essa versão. Mas se isso não acontecer, talvez Jorge e Mateus, que têm sua própria versão (https://www.youtube.com/watch?v=uL5peo_vpf4), possam.

Em pleno deserto te encontrei
Nunca imaginava ser assim
O que jamais pensei
Foi ter você dentro de mim.

O Sol queimava a minha paz
Quando o dor chegou
Não sabe o mal que me faz
A sombra desse dor.

Água de oceano pra beber
Vivo mergulhado em você
Te bebi pra valer
Lembre-se de não esquecer.

Água de oceano pra beber
Dejetos humanos, animais
Muito sal, pra valer
Lembre-se de não esquecer.

Água de oceano pra beber
Desidratação, diarreia
Te bebi pra valer
Lembre-se de não esquecer.

Para mais informações, assista a este vídeo:
<https://brasilecola.uol.com.br/biologia/podemos-beber-agua-mar.htm>

Os Xavantes que existem dentro de mim



Por alguma razão, eu nasci em uma cidade chamada Nova Xavantina, localizada no estado de Mato Grosso - Brasil. Uma pequena cidade formada às margens de um rio e em território originário da população nativa Xavante. Hoje, me encontro morando distante da minha terra natal e quando me perguntam de onde venho, respondo que sou xavantinense e este nome me evoca um sentimento de força e coragem que vai além da sua definição natural, e que encontra significado nos Xavantes que existem dentro de mim.

Um povo conhecido tradicionalmente como guerreiros, por causa de suas crenças e rituais que valorizam a força e a coragem. Características essas que são importantes para a caça e a pesca, que eram seu principal meio de subsistência. Eles também são conhecidos pelo uso de grandes brincos de madeira que representa uma conexão com a divindade através dos sonhos.

Contudo, esse povo guerreiro atualmente luta para preservar sua identidade, diante da forte relação de poder estabelecida desde a colonização e das influências atuais da nossa sociedade neoliberal e de consumo. Eles usam da sua coragem para se reinventarem em uma nova realidade, onde não é mais possível sobreviver apenas com seus hábitos tradicionais e isolados nas aldeias. Enfrentam problemas como a escassez de alimentos causada pela devastação ambiental e conseqüentemente mudança de todo ecossistema, além da proximidade com os moradores das cidades que aumenta o número de doenças e de problemas sociais como a violência e o abuso de álcool e drogas.



Os problemas que os acometem são complexos e ao longo da história do Brasil faltou políticas públicas que os reconhecessem e os valorizassem como legítimos cidadãos brasileiros. Mesmo diante dessas dificuldades, a comunidade Xavante vem crescendo nos últimos anos e as aldeias já contam com alguns serviços de promoção e proteção de seus direitos, como escolas que ensinam a língua portuguesa e também a conservarem a sua própria cultura.

Na minha infância, eu os tive como vizinhos e o meu primeiro passo foi aprender a respeitá-los, já que mostravam uma cultura totalmente diferente da minha e muitas vezes não se encaixavam nas regras sociais estabelecidas. O meu segundo passo foi buscar aprender sobre sua história, olhar para o passado para conseguir compreender o presente, a complexidade política, social e cultural que os envolve. Sobretudo, eu também entendi que muitas vezes interpretamos as pessoas que são diferentes de nós como inferiores e o que nos falta é construir uma relação de alteridade, de troca, onde somos capazes de oferecer um pouco de nós e de receber um pouco do outro. Dessa forma, seremos capazes de nos considerarmos também um pouco indígena.

E pra mim, o que significa ser um pouco indígena? Significa, por exemplo, respeitar a natureza e valorizá-la como fonte primordial para as nossas vidas e assim nos tornarmos guardiões das Florestas. Significa reconhecer a importância dos nossos antepassados e o legado que eles deixaram e acima de tudo aprender que existe um “Grande Espírito” que tudo rege e tudo nos fornece.

Através desses pequenos passos fui capaz de dar um terceiro, onde eu encontrei o amor e o respeito por um povo que se autodenomina A'uwe que significa pessoas que andam ou A'uwẽ Uptabi pessoas verdadeiras.



O Feminismo Negro no Mundo Lusófono

É verdade, cada um de nós caminha pelo mundo de uma forma única. Todos nós temos pontos de opressão e pontos de privilégio. Ainda, temos grupos de pessoas que sofrem mais por suas identidades e são perseguidos por outras pessoas, por culpa de sistemas e instituições, e legados e estruturas opressivas históricas, como o colonialismo.

Este ensaio e mini pesquisa vai focar nas mulheres e mulheres trans negras no mundo lusófono e suas experiências, fazendo um paralelo com o feminismo negro como a fundação, e centralizando a interseccionalidade. Vou centrar meus argumentos em o livro *Quem Tem Medo Do Feminismo Negro?* da filósofa, ativista e escritora Brasileira, Djamila Ribeiro. Vou incluir perspectivas relatadas em livros, poemas, o TEDx Talks por mulheres e mulheres trans negras de Brasil, Moçambique, Cabo Verde e Angola. Mas, que é o feminismo negro e a interseccionalidade?

O feminismo negro centra as experiências das mulheres negras, compreendendo sua posição em relação ao racismo, sexismo e classismo, bem como outras identidades sociais e políticas, por exemplo orientação sexual ou incapacidades (Mai-Nguyen). É importante destacar que as mulheres negras foram excluídas do feminismo dominante por causa de sua raça, ao mesmo tempo em que foram excluídas dos movimentos de libertação negra por causa de seu gênero (Mai-Nguyen). A negritude não é um fenómeno monólito e feminilidade também não é. O feminismo negro dá oportunidade de reconhecer e falar sobre ser negro junto com a desigualdade de gênero.

Kimberlé Williams Crenshaw é uma defensora dos direitos civis americana e uma importante estudiosa da teoria crítica da raça que cunhou o termo interseccionalidade em 1989. Ela fez isto no trabalho dela para descrever a experiência de ser uma mulher negra e que ser negro e ser mulher não se pode separar (Mai-Nguyen). Então, a interseccionalidade descreve os aspetos interconectados de uma identidade individual ou de grupo, como raça, classe e gênero e como trabalham juntos em sistemas de opressão (Mai-Nguyen).

Para Djamila Ribeiro, pensar o conceito de interseccionalidade de Crenshaw é perceber que não pode haver “primazia de uma opressão sobre as outras” (p. 123). A raça, classe e gênero são indisociáveis e não podem ser tratadas de forma isolada. A interseccionalidade é uma parte formativa do feminismo negro. Mas raça, gênero e classe não são as únicas identidades e pontos aos quais devemos prestar atenção.

Sasha Montez é a primeira Miss Transgénero de Cabo Verde (2017- 2018), modelo e proprietária, figura pública e uma das mais populares mulheres trans de Cabo Verde (Santiago Magazine). Ela participou no concurso Miss International Queen em 2021 que é o maior concurso de beleza do mundo para mulheres transgénero. Sasha Montez enfrentou discriminação, não apenas em relação à sua sexualidade, também em relação ao modo como ela expressava a sua feminilidade. Como ela foi criada em uma sociedade onde ser trans não é compreendido ou amplamente aceite, ela lutou para encontrar sua voz e viver plenamente. Ela diz que em Cabo Verde as pessoas só entendem gay e lésbica, não a experiência trans (Santiago Magazine). As identidades de Sascha como negra, mulher e trans não devem ser dissociadas e ajudam a entender a experiência completa dela. Mesmo que Cabo Verde seja mais “tolerante” com a comunidade LGBTQIA+ que em outros países africanos, ainda não é permitido o casamento com pessoas do mesmo sexo e a comunidade continua a enfrentar discriminação e opressão.

Ribeiro aceita e implora ao movimento feminista para ser interseccional e “dar voz e representação às especificidades existentes no ser mulher” (p. 47). Ribeiro concorda com a feminista e filósofa francês Simone de Beauvoir em que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” e não podemos e não devemos excluir mulheres trans (pp. 46). Existem mulheres quem têm opressão não só de gênero, também sofrem “racismo, lesbofobia, transmisoginia” (Ribeiro, p. 47). O seja, para cumprir o objetivo e lutar por uma sociedade sem hierarquia de gênero temos que urgentemente incluir e centrar as intersecções como prioridade de ação e “não mais como assuntos secundário” (Ribeiro, p. 47). Como dito anteriormente, a feminilidade não é um monólito e nem a negritude. De quem são as vozes e experiências centradas no movimento do feminismo negro? De quem são as vozes e experiências que faltam? Como é destacado o feminismo negro em outros países lusófonos?

É verdade, o feminismo negro vem ganhando força em a última década em Portugal com várias organizações criadas como Associação de Mulheres Negras, Africanas e Afrodescendentes (FEMAFRO), INMUNE — Instituto da Mulher Negra, o Coletivo Zanele Muholi de Lésbicas e Bissexuais Negras (Roldão). Ainda, a socióloga negra Cristina Roldão acha que falta o reconhecimento das históricas mulheres negras portuguesas e imigrantes dos países lusófonos que construam as bases para o feminismo negro em Portugal como Virgínia Quaresma, Georgina Ribas, Fernanda do Vale, Alda do Espírito Santo e Noémia de Sousa (Roldão).

Virgínia Quaresma (1882-1973) foi uma mulher negra e lésbica que foi a primeira jornalista e importante ativista do movimento feminista português (Roldão). Georgina Ribas (1882-1951), nasceu em Angola, mas viveu em Portugal desde os 3 anos, era pianista e professora de música. Em 1929 Ribas ajudou a desenvolver a Liga das Mulheres Africanas e fez parte do Partido Nacional Africano (Roldão). Noémia de Sousa, a “mãe” dos poetas moçambicano, nasceu em 1926 no distrito de Catembe e ficou em Moçambique até 1951 (Souza). Ela exiliou-se em Lisboa aos vinte e dois anos devido as “perseguições políticas” e obra poéticas altamente evocativas que se centram na resistência das mulheres africanas e na luta do povo africano pela liberdade (Souza). Sousa também foi uma líder em o Centro de Estudos Africanos (1951-9153) em Portugal (Roldão). Os poemas de Sousa foram publicados em jornais e revistas, veículos de grande circulação e de acesso mais fácil que os livros e por isso os poemas delas formam publicados em 2001 em o livro Sangue Negro (Capire).

Em o livro Sangue Negro Sousa tem um poema chamada Negra. O poema Negra fala sobre como as mulheres africanas são vistas. As mulheres negras ou africanas são cheias de encantos mais a magia delas e reduzidas a fetiches como “esfinge de ébano, amante sensual, jarra etrusca, exotismo tropical” (Sousa, pp. 8). A hiper sexualização e a mercantilização das mulheres negras começou em os tempos colônias e durante escravidão, mas continua existindo. Como argumento Ribeiro, vivemos dentro de numa sociedade e mundo racista e machista, onde mulheres negras são hipersexualidades e tratadas como objetos sexuais (pp. 120).

Mas, Sousa diz em o poema Negra que o mundo não cria espaço para conhecer a negra por causas de projeções discriminadoras. Ainda assim, Sousa argumenta ao final do poema que as mulheres negras têm o direito à “glória”, ser elogiadas como “verdadeira e radical”, ter espaço para ser elas mesmas, autenticamente (pp. 120). Noémia de Sousa, como outras mulheres negras fizeram a fundação do feminismo negro no mundo lusófono, com suas experiências únicas, sua luta.

Por isso mesmo, Roldão argumenta que falta “tecer a genealogia do feminismo negro em Portugal e suas articulações” (Roldão). Ou seja, precisamos não só contar a história das mulheres negras portuguesas para ampliar o feminismo negro, mas devemos saber de onde vem, o que mudou, o que falta mudar. Precisamos ter as nuances e a compreensão da experiência feminina negra especificamente em Portugal, tal como os Estados Unidos e Brasil têm. As mulheres negras são e continuam sendo críticas em relação aos movimentos de libertação negra e igualdade de gênero apesar da discriminação e preconceito que enfrentaram (Mai-Nguyen).

Ainda, as mulheres negras não devem ser deixadas sozinhas para promover o feminismo negro e lutar por uma sociedade sem hierarquia de gênero. A luta deve ser sempre coletiva. Assim defende Carla Fernandes a necessidade da luta coletiva para suportar e centrar as mulheres negras e também o povo negro. Carla Fernandes é uma jornalista angolana que criou o podcast Rádio Afrolis em 2014 (Afrolis). Em a TEDx Talk “Ser mulher negra em Lisboa” ela fala sobre as experiências de racismo e machismo que ela enfrentou quando se mudou a Lisboa de criança. Carla fala sobre os meninos em sua aula que cantavam músicas apontando as “garotas” mais feias da turma e quando ligavam para ela, ela se perguntava o porquê. Eles disseram a ela foi porque ela era negra. Quando Carla era adulta e professora de inglês um dos alunos dela que era uma criança contou que a mãe dela dizia que os negros são “ladrões e bandidos”. Carla refletiu como a criança assumia que isso era verdade, porque foi dito por uma “autoridade” (a mãe da criança), mas que Carla explicava que não era certo (Fernandes).

As experiências de racismo desde criança até adulta em Lisboa isolaram Carla e ela não encontrava o espaço em Portugal onde ela se sentia segura, afirmada, “abraçada” (Fernandes). Ela ficou um tempinho em no país nativa dela, Angola para ver se era um espaço onde se podia reencontrar e ser abraçada, mas isso não aconteceu. Carla diz que não era a realidade dela, mas tinha certeza de procurar a espaço dela. Isso aconteceu quando fundou o audioblog Rádio Afrolis, onde criou comunidade com pessoas como ela; afrodescendentes morando em Lisboa. É um espaço onde podem compartilhar suas histórias, sua negritude, sua realidade. Carla diz que nesse espaço eles não vão associar eles mesmos como “feios” nem “bandidos” nem “ladrões”; mas vão tentar criar uma identidade própria (Fernandes). Carla argumenta que criar espaços como Rádio Afrolis pode ajudar a combater opressões, como os racimos e machismo que ela enfrentou.

Carla argumenta que devemos “dizer, ouvir, nos posicionarmos e também agir” para realmente combater opressões (Fernandes). Ela termina a TEDx Talk de forma contundente pedindo às pessoas que se posicionem por identidade: homem branco, mulher branca, homem negro, mulher negra. Depois, relatando de novo a experiência dela como sobrevivente de agressão sexual diz o seguinte:

“Eu não quero continuar a repetir esta história. Eu não quero continuar a falar deste lugar de manifestação. Eu quero mudar essa história, não quero continuar a ser a vítima. Eu não quero que o meu marido continue a ser o... como é que se chama a pessoa que não faz nada, que não consegue fazer nada? ... o impotente. Não quero que a outra mulher, a mulher branca neste caso, seja a pessoa que está passiva. Eu não quero que o homem branco continue a ser o meu agressor. Eu quero mudar essa história, mas não vou conseguir mudá-la sozinha. E vou precisar da sua ajuda” (Fernandes, TEDxLisboa, 11:48-12:22).

A poderosa, vulnerável e cruel história de Carla destaca que não só é importante reconhecer nossa posição e identidade, nossa compreensão dos pontos de privilégio e pontos de opressão, mas como nos podemos unir como indivíduos ou grupos para lutar contra opressão como sexismo, machismo e racismo. Ribeiro afirma que todas as feministas, militas na luta antirracista ou no movimento LGBTQIA+ já ouviram a frase “Ah, mas vocês só falam disso” (Ribeiro, p. 77). Mas, Ribeiro exclama que falar desses temas é questão de sobrevivência, para poder “denunciar a dura e desigual realidade” (Ribeiro, p. 77). Dizer às pessoas que parem de falar sobre o sexismo, o machismo, o racismo, a homofobia é manter o status quo da violência destes sistemas e estruturas opressivas que afeta todos nós. Carla também menciona em a TEDx Talk dela que muitas pessoas querem combater o racismo, mas não falam sobre o racismo (Fernandes). Falar sobre opressão é o primeiro e inegociável passo para combatê-lo e não deve só estar sobre os ombros dos mais marginalizados. Ainda, Ribeiro argumenta que o sexismo e racismo está presente em tudo, como arte, política, sociedade, etc. Falar sobre a opressão é uma poderosa forma de interromper o modelo valorizado de “universalidade” falsa e “branco” (Ribeiro, p. 78). Mas como criamos um mundo onde as mulheres negras são valoradas, protegidas e centradas em na luta contra nosso mundo supremacista branco e patriarcal. Como é que o feminismo negro nos leva a esse mundo livre dessas estruturas violentas e opressivas?

Ribeiro diz o seguinte:

“O arcabouço teórico e crítico trazido pelo feminismo negro serve como instrumento para se pensar não apenas sobre as mulheres negras, categoria também diversa, mas sobre o modelo de sociedade que queremos.” (p. 123)

O feminismo negro rompe a falsa universalidade, nomeia e mostra diferentes realidades. Um modelo onde não só falamos de injustiças e opressões, mas fazemos ação coletiva e liberadora para derrubá-los. Também, o feminismo negro tem que ser acessível e invocar soluções reais, a quem mais quer apoiar. Eu vou concluir minha redação com o poema de Luciene Nascimento e depois, meu próprio poema.



Luciene Nascimento é poeta e escritora negra criada em Quatis, Brasil. Ela também é advogada e maquiadora profissional, realiza palestras sobre “identidade, estética e autoestima da mulher negra” (Nascimento). Em o livro de poemas Tudo nela é de se amar, o poema de mesmo título fala sobre a experiência dela em morar em no mundo como mulher negra. Como Carla Fernandes e Djamila Ribeiro, ela aprendeu em criança em o colégio, que o “próprio tormento” não “nasceu” com ela, mas foi imposto, como se o “amor-próprio era privilégio” (Nascimento, p. 19). Ou seja, o racismo, o sexismo e machismo não nasceu conosco, é aprendido e imposto. Todos nós sofremos do racismo, sexismo e machismo e ainda pior os mais oprimidos. Nascimento quer liberar toda mulher e menina negra que não se valoriza por culpa da opressão. Ela diz que quer “lançar aos quatro ventos” dizer e escrever que “tudo nela é de se amar. Tudo.” (p. 19)

Nascimento luta com um feminismo branco que não a incluía a ela nem à avó dela. Nascimento pergunta-se sobre a avó dela que “não votou porque era mulher ou não votou porque era preta?” (p. 24). Nesta frase e o poema chama atenção e mostra ao leitor o perigo em dissociar as identidades como mulher, como negra porque as duas são importantes. Como mulher negra, à autora sentei ou grande responsabilidade em ser “forte” e ter que ser mais inteligente que a mulher branca (Nascimento, p. 26). Ser a única “preta da turma, Federal a universidade” foi solitária e cheia de pressão para Nascimento (Nascimento, p. 26). A autora diz que “De palestra em palestra precisam ser lembrados que o racismo existe. E ficam todos chocados porque o racismo é um crime perfeito que só a vítima vê” (Nascimento, p. 26). Nascimento critica uma ideia similar a Carla Fernandes em que as pessoas dizem que querem combater o racismo ou estão “interessados”, mas realmente estão preparados para escutar as experiências reais e falar sobre o racismo? Fazer o próprio trabalho individual para chegar a poder entender? É realmente cansativa as pessoas que vivenciam o racismo não ser escutadas, suportadas, acreditadas e defendidas. Nascimento avisa que vai chegar o “dia 20” o “dia da consciência de que o radical é o militante” estará “cansado de ter paciência” (p. 27).



Djamila Ribeiro argumenta que sim, é uma grande luta, cheia de exaustão, dor, mas também necessidade. Não há que ter medo do feminismo negro ou descartá-lo. É uma estrutura poderosa que pode ajudar a derrubar o sistema patriarcal, branco supremacista onde todos somos impactados e corremos perigo. Ribeiro diz:

É imprescindível que se leia autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão. É um convite para um mundo no qual diferenças não signifiquem desigualdades. Um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento e da negação. Queremos coexistir, de modo a construir novas bases sociais. No fim, nossa busca é pelo alargamento do conceito de humanidade. Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo.

Eu quero concluir minha redação com meu próprio poema. Estou respondendo à escritora negra brasileira Ryane Leão, que sua página de Instagram colou a imagem abaixo. Como mulher negra porto-riquenha e queer, eu quero falar do que eu sou feita e contar um pouco de minha história.



Fonte: Leão , Ryane. “Você Não é Só Feita De Dor.” Ondejazzmeucoracao, Instagram, 10 July 2022, <https://www.instagram.com/p/Cf2T5boJn2c/>. Accessed 6 Dec. 2022.

Você não é feita só de dor

Isso, trato de enraizar

Quando meu valor para outros está em questão

“Você não é feita só de dor”

Minhas experiências chamadas mulata, rosto estranho, cabelo feroz, bonitinha para ser...

“Você não é feita só de dor”

Quando a mãe de meu primeiro namorado não me quer pela minha cor ou quando esse mesmo namorado já aborrecido me dizia, por que você sempre tem que falar sobre raça?

“Você não é feita só de dor”

Ser encarada, ser questionada sobre de onde eu sou em minha cidade natal, questionar sempre meu nível em minhas línguas nativas porque você acha que meu rosto café com leite é um erro...

“Você não é feita só de dor”

Ser abordada é amenizada com muita violência por um condutor branco de uber em a “ilha de magia” por ser quem sou. Que medo nesse momento, não ter apoio, ou como fugir, ou voz...

“Você não é feita só de dor”

é verdade, não sou só dor...

Sou a alegria da minha mãe – o sol dela
Sou irmã e amiga, sou sobrinha e neta
Sou amante da minha comunidade
Sou lutadora contra injustiça
Sou construtora da paz
Sou uma mulher negra, queer, com sonhos grandes
Sou escritora e poeta

Sou feita
de alegria, de cicatrizes, de experiências ruins,
de experiências do sonhador,
de recordações e histórias,
de água, pele e órgãos,
de legados e novos começos

Sou feita de muitas coisas,
Mais do que eu posso caber em uma página
Mais do que eu posso caber na vida
Mais o importante é que....
Sou uma pessoa que sabe o seu valor.
Eu sou feita,
Eu sou feita de amor.

Jeydelyn Martinez

O apêndice

Fonte: de Sousa, Nóemia. “Poemas Escolhidos De Nóemia de Sousa - Sangue Negro
.” Scribd, Kapulana, 2016,
<https://pt.scribd.com/document/592349509/poemas-de-noc3a9mia-de-sousa-1>.

Negra

Gentes estranhas, com seus olhos cheios doutros mundos
quiseram cantar teus encantos
para elas só de mistérios profundos,
de delírios e feitiçarias.
Teus encantos profundos de África

Mas não puderam.

Em seus formais e rendilhados cantos,
ausentes de emoção e sinceridade,
quedaste-te longínqua, inatingível,
virgem de contactos mais fundos.
E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,
jarra etrusca, exotismo tropical,
demência, atracção, crueldade, animalidade, magia...
e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados
foste tudo, negra...
menos tu.

E ainda bem.
Ainda bem que nos deixaram a nós,
do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,
sofrimento,
a glória única e sentida de te cantar
com emoção verdadeira e radical,
a glória comovida de te cantar, toda amassada,
moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE.

Noémia de Sousa

Fonte: Nascimento, Luciene. "Tudo Nela é De Se Amar." Tudo Nela é De Se Amar: A Pele Que Habito e Outros Poemas Sobre a Jornada Da Mulher Negra, Estação Brasil, Rio De Janeiro, RJ, 2021, pp. 19–29.

TUDO NELA É DE SE AMAR

Eu ouvi recentemente que sou da "Geração
Tombamento":

preta, pobre, consciente
que carrega esteticamente
a cura pro próprio tormento.

Meu tormento não nasceu comigo, me lembro de
senti-lo bem no colégio, de os meninos me
revelarem que amor-próprio era privilégio.

Meu amor-próprio foi construído, demorei, mas
aprendi e aos dezoito concluído: meu padrão
não é daqui.

E quis lançar aos quatro ventos, pendurar uma
faixa amarela, quando eu via uma pretinha
triste, escrevia e dizia para ela que tudo nela
é de se amar. Tudo.

O modo como os músculos dos braços
protuberam.

A pele que contorna a carne do rosto, iluminando
e escurecendo onde quer. Tudo.

O cabelo que trava os dedos na hora de acariciar,
que é como se dissesse: se eu te permiti tocar
tão profundo, então pode permanecer entre
os meus fios.

A forma como enfrenta a vida, tudo nela
é de se amar. A pele preta já vem do ventre
tatuada inteira de história, que é a memória
ancestral retratada na forma do nariz,
na forma como lida, como fala, como luta
e como cala, porque luta até no silêncio
dos lábios mordíveis,

mastigando qualquer coisa, quando repara
e se envergonha,

o sorriso que contrasta.

O tanto de amor que ela já sabe que vai precisar
ensinar aos filhos, ela já guarda em cada maçã
do rosto.

Tudo nela é de se amar.

É que se se considerar que esse fio forte surgiu
de dentro da cabeça dela,
deve-se supor que o que há dentro dela
não é fraqueza.



E que, se aparenta fraqueza, é porque ainda não
 lhe oportunizaram a reconciliação consigo,
 porque "a sua natureza é a de ser forte".
 Quando os olhos vão ao espelho e, diferente
 dos olhos dos outros, os seus enxergam
 a força da raiz,
 ela encontra a liberdade de se amar.
 E nisso há tanta beleza.
 A descoberta de si depois de crescida energiza
 o corpo
 que urge recuperar o tempo perdido de se amar.
 E aí descobre finalmente,
 antes tarde do que nunca, que tudo nela
 é de se amar.

E aí, naquele Enem, caiu Beauvoir,
 Simone de Beauvoir, pudera!
 Eu, no nono período de Direito,
 não sabia quem era.
 Eu tentava curar esse vazio de formação
 acadêmica

ou tentava curar minhas pretas da falta de amor
 epidêmica? Mas, além de preta, ser burra?
 Não. Vamos correr atrás.
 Mulher tem que ser inteligente. Mulher preta
 muito mais! Mas a gente abre o livro
 de história e nada ali satisfaz.
 Não tem nenhum livro que diz
 que, pra uma preta, estudar feminismo
 pode ser uma tarefa infeliz.
 Enquanto as brancas lutavam sem medo pelo
 direito de trabalhar por elas,
 nossas bisas acordavam cedo
 e passavam as roupas delas,
 cozinhavam as comidas delas, lustravam
 os móveis delas
 e cuidavam das crianças delas.
 No feminismo acadêmico, um mar de onde
 me levou... A sufragista veio firme,
 mas a minha bisavó não votou. E até hoje
 eu me confundo, tentando entender a preta:

Não votou porque era mulher ou não votou
 porque era preta? Na academia ou fora dela,
 que ao menos tenhamos sorte.
 Todas sonhamos "um tempo em que não
 tenhamos que ser tão fortes". Três anos atrás,
 o mercado olhava para ela e dizia:
 Olha, lamentamos.
 Base pra você não fabricamos, pó pra você não
 inventamos,
 no entanto lamentamos muito, decepcionar não
 é o intuito.
 Põe lá seu aplique, faz lá sua trança,
 que o nosso produto a sua beleza não alcança.
 Talvez algum dia nesses critérios
 alguém mexa,
 por enquanto passe aí seu batom velho
 na bochecha.
 A Natura, Avon, ou qualquer outro
 serviço análogo,
 obviamente não trazia você no catálogo.

E se tinha umazinha lá, nossa! Agradeça!
 Te representamos. Mas, se achou pouco, não
 se esqueça, lamentamos.
 Existe uma distância enorme entre lamento
 e atitude.
 Porque é inocente mas maldoso o discurso que
 ilude e diz:
 a pele dela já é tão boa que não precisa de
 maquiagem. Caramba!
 Há milhas entre a vontade de querer mudar alguma
 coisa e essa bobagem.
 Pois, enquanto essa fala apenas admira o abismo, o
 meu orgulho estético semeia.
 "Porque não dá para enfrentar o racismo quando
 você ainda se odeia."
 E semeia de verdade, pra colher no final.
 Como eu explico a minha alegria em ver uma
 preta num comercial? Como eu explico a
 minha alegria em ver uma base num tom
 ideal? Um esmalte nude real?

Como eu explico a sutileza e amplitude
dessa demanda,
porque eu quero que tudo mude, mas a curtos
passos tudo anda. E calhou de eu ter
consciência disso tudo agora, nesse tempo.
Olha a responsabilidade: era a única preta da
turma, Federal a universidade,
ou seja, tudo que aprender aí, trate de devolver
à sociedade.
É só olhar esta festa VIP que são as Federais,
Que, se tivesse mais preto aqui, ia parecer
que tem preto demais.
De palestra em palestra precisam ser lembrados
que o racismo existe. E ficam todos chocados
porque o racismo é um crime perfeito que
só a vítima vê.
E quando se vê insatisfeita e não guarda mais
pra si, vira ela a própria suspeita,
acusada de mimimi.
E a gente se sente meio otário
por ter feito barulho.

Retirar a negritude do armário
ainda é visto como esbulho.
E a gente junta adversário porque
vive com orgulho.
"O bagulho é louco e é necessário ser
mais louco que o bagulho."
porque vem chegando o dia 20,
o dia da consciência de que radical
é o militante cansado de ter paciência.
Mas a gente tenta, porque na prática
o método aperfeiçoa
A gente vem falando rimando pra ver
se não magoa.
Mas se vocês ainda estão escutando
é porque a gente não fala à toa.



Essa construção faz referência aos versos de Emicida em "Mãe": "O Sonho é um tempo onde as mina não tenha que ser tão forte", e de Tati Quebra Barraco: "O bagulho é doido mas às vezes precisamos ser mais doido que o bagulho."

"Eu ouvi recentemente" agora é uma memória que conta alguns anos, mas ter escutado de alguém que me via como parte de um movimento específico me fez refletir sobre como minha imagem era percebida. O que compartilho, e que há anos me movimenta e me leva a escrever, faz companhia à imagem para explicar junto dela o que sinto, e que não sinto sozinha. Ao longo da história, expressamos de todas as maneiras possíveis, inclusive na estética, a consciência de uma dignidade própria, resignificando as marcas de um racismo que leva ao massacre da autoestima, com consequências diretas no corpo, mas não apenas nele. Por tudo isso, os processos psíquicos de tomada de consciência transparecem na imagem de quem trilha uma verdadeira jornada em busca da própria essência.

Através da escrita despretensiosa sobre a descoberta de existir sem precisar sentir vergonha das ema-

nações mais sinceras de mim, o tempo revelou que colocar a palavra no mundo permite, mais que a mera existência, o reconhecimento da legitimidade desta e a identificação de uma comunidade, gerando a magia de encontrar, como quem convoca a levantar os braços no meio da multidão, outras tantas e tantos que vibram na mesma sintonia.

Trabalhos Citados

- Capire . “Noémia De Sousa: ‘Let My People Go.’” Capire, Capire , 20 Sept. 2022, <https://capiremov.org/en/culture/noemia-de-sousa-let-my-people-go/>.
- Crispim , Vitória. “Feminismo Negro Em Portugal: Romper Com O Silêncio.” UALMedia, UALMedia, 10 Sept. 2020, <https://ualmedia.pt/feminismo-negro-em-portugal-romper-com-o-silencio/>.
- De Sousa, Nóemia. “Poemas Escolhidos De Nóemia De Sousa - Sangue Negro .” Scribd, Kapulana, 2016, <https://pt.scribd.com/document/592349509/poemas-de-no-c3a9mia-de-sousa-1>.
- Leão , Ryane. “Você Não é Só Feita De Dor.” Ondejazzmeucoracao, Instagram, 10 July 2022, <https://www.instagram.com/p/Cf2T5boJn2c/>. Accessed 6 Dec. 2022.
- Magazine, Santiago. “Sasha Montez. ‘Em Cabo Verde as Pessoas Não Entendem o Que É Ser Trânsgenero.’ - Sociedade - Santiago Magazine.” Sasha Montez. “Em Cabo Verde as Pessoas Não Entendem o Que é Ser Trânsgenero.” - Sasha Montez. “Em Cabo Verde as Pessoas Não Entendem o Que é Ser Trânsgenero.” - Sociedade - Santiago Magazine, Santiago Magazine , 21 Sept. 2020, <https://santiagomagazine.cv/sociedade/sasha-montez-em-cabo-verde-as-people-nao-entendem-o-que-e-ser-transgenero>.
- Mai-Nguyen , Laila. “The Black Feminist Movement: Intersectionality.” LibGuides, 2020, <https://ischool-fsu.libguides.com/blackfeminism/intersectionality>.
- “A Minha Vida | Sasha Montez | TEDxPraia.” Performance by Sascha Montez, YouTube, TEDxTalks , 22 Aug. 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=rxF9I0HGuK8>. Accessed 5 Dec. 2022.
- Nascimento, Luciene. “Tudo Nela é De Se Amar.” Tudo Nela é De Se Amar: A Pele Que Habito e Outros Poemas Sobre a Jornada Da Mulher Negra, Estação Brasil, Rio De Janeiro, RJ, 2021, pp. 19–29.
- Ribeiro, Djamila. Quem Tem Medo Do Feminismo Negro? Companhia Das Letras, 2019.
- Roldão, Cristina. “Feminismo Negro Em Portugal: Falta Contar-NOS.” Geledés, Publico , 18 Jan. 2019, <https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-em-portugal-falta-continuar-nos/>.
- “Ser Mulher Negra Em Lisboa | Carla Fernandes | TEDxLisboa.” Performance by Carla Fernandes, YouTube, TEDX Talks, 3 Dec. 2015, <https://www.youtube.com/watch?v=fWhAGbu2RUI>. Accessed 5 Dec. 2022.
- “Sobre Nós - Radio Afrolis.” Edited by Radio Afrolis, Radio Afrolis - A Sua Rádio., Radio Afrolis, 6 Jan. 2022, <https://radioafrolis.com/sobre-nos/>.
- Souza, Warley. “Noémia De Sousa: Biografia, Características, Poemas.” Brasil Escola, 2022, <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/noemia-de-sousa.htm>.

Uma Noite Típica

O vento assobia entre os ramos quase nus. Ao redor das raízes há uma cobertura de folhas pintadas. A vista do terceiro andar dá para ver umas árvores diretamente embaixo da varanda e além, um parque sempre cheio de crianças e adolescentes. As gritarias de alegria a brincar flutuam pela janela enquanto Jaime arruma algumas coisinhas na mesa. Um sorriso leve repousa em seu rosto. Um podcast de comédia de crime verdadeiro toca nos fones apagando o resto do mundo. Os convidados sempre colam um sorriso no rosto de Jaime. Ele sente que esses convidados são seus amigos. Em tempos de solidão aleijante, eles permaneceram leais e solidários. Estão sempre à sua disposição quando precisa, apenas tão longe quanto a algibeira. Claro, Jaime tem amigos na vida real, mas nessa época da vida ele prefere estar sozinho. Pelo menos ele se convenceu disso. Se ele contasse a verdade a si mesmo, saberia que as feridas do passado ainda não cicatrizaram. O veneno deixado das traições fundou um abrigo na alma e o afeta em todas as facetas da vida. Em vez de focar nisso, ele joga videogames e passa o tempo ligando-se a convidados de podcasts. Então, ele é muito saudável, especialmente no cérebro, óbvio.

Pois, além dos podcasts sobre crime verdadeiro, Jaime é apaixonado por podcasts de horror. Escutar histórias de horror antes de dormir é um ritual cotidiano dele. Chegou a hora do sol se pôr e os terrores começam. Jaime escova seus dentes enquanto os convidados se despediram e deixaram mais um sorriso. Ele cospe e olha para o rosto no espelho. Pensamentos negativos surgiram na mente sobre o seu aspeto. Bolsas por baixo dos olhos, pele seca e sempre vermelho demais, os dentes amarelados pelo cigarros e café. Suspira e joga os ombros no ar com os dedos entrelaçados em cima da cabeça esticando as costas. Levanta nas pontas dos pés com as mãos ainda para o alto fechando os olhos, sentindo o corpo inteiro alongar. O ápice dum estica sempre faz bem. Normalmente, antes de dormir o Jaime teria que dizer boa noite para seus pais, mas eles estão fora do apartamento hoje. Então, ele apaga a luz no banheiro e entra no seu quarto. Os últimos raios de sol já têm retraído da janela, deixando o quarto só com a luz dum lâmpada que nem ilumina o quarto inteiro. Jaime aproxima-se da janela. Mesmo no escuro, as folhas parece que brilham. Ele levantou a cabeça para céu e descansou os olhos na lua. Ela esta cheia, parecendo que treme com energia cinzenta. Em vez de fechar, ele até abriu mais a janela, deixando o ar enriquecido com o poder da lua cheia entrar.

Dando uma olhada final na lista das coisas que deveria ter feito hoje, Jaime se sente realizado e até orgulhoso de si mesmo não tendo completado tudo o que queria. Ele fecha o caderno e deambula para a cama. Afortunadamente, o interruptor da luz está ao alcance enquanto se deita. Deixando os óculos ao seu lado embaixo dum travesseiro e certificando-se de que seus fones ainda tinham energia, ele se deita. Os olhos fecham e uma onda de relaxamento se espalha pelo corpo inteiro terminando na cabeça. Mais um suspiro escapa da boca a juntar-se o ar da brisa empoderada. Deixando os olhos abrirem no seu tempo, ele apaga a lâmpada de enquanto abre Spotify no telemóvil. Há vários temas de terror que Jaime gosta. Mas, as mais preferidas são histórias que acontecem numa floresta ou no sertão. Ele examina as opções dos episódios. Os mais recentes têm títulos como “Ratos do Túnel” e “Caído Através do Véu.” Jaime pense naquele adágio “Não julgue um livro pela capa” pois, seria “Não julgue um episódio de podcast pelo nome” nesse caso. Em vez de continuar caçando nos podcasts que sempre escuta, ele se aventura para um podcast novo.

Ele coloca a seguinte frase no google, “os melhores podcasts de terror.” A primeira sugestão que surge tem um logotipo de um bosque de árvores em cima duma molinha sobreposto numa lua cheia num céu negro com tons de roxo. Sem pensar muito, Jaime clique no logotipo e é redirecionado ao Spotify. Esperando a transição da aplicação, a tela falha. Ele acha estanho mas é tão rápido já foi embora da mente. O Spotify parece um pouco diferente do normal. Ele não pode perceber o que esta esquisito, mas ele sabe que algo é estranho. O Jaime nem tem tempo de pensar nisso quando uma mensagem apareceu na frente do logotipo: “Bem vindo ‘Uma Noite Típica.’” Dizia a mensagem, “Um por Um.” Logo que aparece, a mensagem some. Com a curiosidade a ferver, se preparou para mergulhar no primeiro episódio nomeado O Pesadelo.

O Pesadelo

Eu coloquei um copo de água na mesa do lado da minha cama, dei mais uma olhada no celular antes de conectar ao carregador e apaguei a luz. Minha cabeça bateu no travesseiro e eu deixei o conforto acolhedor dos cobertores espalhar pelo meu corpo inteiro. Coloquei os fones nos ouvidos com batidas binaurais a tocar e com aos arredores a derreter nas batidas, eu esperei as pálpebras fecharam naturalmente. Eu estirei os ombros e as pernas lentamente até aos dedos. Num ápice de arrepios, com um suspiro profundo, todos os músculos relaxaram. Eu me virei alguns vezes, procurando uma posição confortável mesmo sabendo que a mudaria em alguns minutos. Depois de várias contorções eu senti o sono me envolver.

De repente, meus olhos abriram. Tirei os fones dos ouvidos e me levantei da cama, me suportando com um ombro. Examinei o quarto com o luar irradiando pela janela. Nada. Silêncio. Eu só poderia ouvir o som do meu coração bater. Depois de uns segundos, estava segurando a minha respiração. Forcei os meus músculos a relaxar e respirei com propósito. Olhei para o meu relógio, ainda levantado pelo ombro, e vi que eram a 2:44 da manhã. Ai, puxa vida, eu pensei. Fiquei com irritação a pensar em que teria de acordar às sete. Mas, tão rápido o pensamento surgiu, como foi embora. Morrendo de sede eu peguei o copo de água e o bebi um gole. Voltando à calidez e segurança dos cobertores eu adormeci rapidinho.

Subitamente um ruído som me acordou. Me levantei rapidamente deixando as pernas em baixo das cobertas, suportando o peso do meu corpo no meu antebraço. Não ouvi mais nada. Alô? Eu falei com uma voz mansa. Nada. No momento em que eu iria relaxar, eu ouvi um som quase inaudível. Um passo de alguém a tentar roubar a minha casa? Eu não sabia o que eu iria fazer, mas eu comecei a preparar-me mentalmente para qualquer coisa. Sem tempo para decidir o que eu faria, eu ouvi o som de novo. Muito perto. Tão perto que eu pensei que era dentro do meu quarto. Me levantei do meu lado me apoiando com duma mão espalmada. Com esse novo campo de visão, imediatamente eu vi que o copo de água tinha sumido da mesa. Me segurei no precipício da cama e me debrucei para ver o chão. Eu vi o copo quebrado numa poça de água que se espalhou até por baixo da cama. Naquele instante eu ouvi o som de novo. Estava vindo de debaixo da minha cama. Tocou o som de novo. E de novo. Triturando? O som tocava cada um ou dois segundos.

Ainda debruçado olhando para o chão eu vi uma mão de um homem sair debaixo da minha cama. Eu fiquei paralisada de terror. A mão pegou um dos pedaços de vidro com o dedo indicador e o polegar e logo recuou na escuridão. Tocou o som de triturar de novo. Sem um momento para tentar entender o que estava acontecendo, uns tufo de cabelo gorduroso e pele encardida deslizou de debaixo da minha cama. O som de triturar acompanhava a saída da cabeça. O rosto dele estava virado e eu só poderia ver uma metade. Um olho injetado de sangue me arregalou, sem piscar, quase tremendo enquanto a mão voltou a pegar mais vidro a ser conduzido à boca dele. Ele estava mastigando o vidro. Com essa realização, como se ele soubesse o que eu estava pensando, ele começou colocando mais e mais punhados de vidro na boca com pressa. O vidro começou a cutucar através das bochechas e ele sorriu a pingar sangue e bocados de carne.

Com um suspiro violento eu acordei. Freneticamente eu examinei meu quarto e prestei atenção se havia algum ruído. Nada. Era um pesadelo. Além do meu estado esbaforido, a cena estava tranquila. O copo da água permanecia na mesa. Olhei para meu relógio. 4:45 da manhã. Tendo acalmado um pouco, o terror se trocou pela irritação da hora. Eu pensei que eu ainda tinha a chance de dormir mais um pouco, só que precisava ir ao banheiro rapidinho. Levantei-me da cama e cambaleei com sono até ao banheiro. Depois de tudo eu olhei no espelho e dei um riso pensando no pânico que eu senti. Enquanto eu mantive contato visual comigo eu ouvi um som estrondoso que reverberou por todo o meu corpo. O som dum copo de vidro despedaçando no chão.

Escolhas

Caminhos piscam na fumaça vagueira
Dor perpetuada em crescendo
Rolando nos apagões no chão
Intensifica...
O tempo derrete
Uma obra lichtenberga no ápice
Finais potências queimam sem rumo
Os telómeros permanecem
desvendando-se
fiel só ao próximo passo iminente

Seda ou Sangue

Ítalo sorveu mais uma vez o suco de maracujá ao relaxar na azáfama da lanchonete. Ele gostou de observar as personagens indo e vindo, cada um com histórias próprias. Morou do lado de uma das lanchonetes mais visitadas na cidade. Havia os regulares que vinham quase todos os dias como ele, turistas e pessoas a passear indo para outros lugares. Seja quem for, ele tinha um truque para se lembrar cada um. Pois, não era um truque complicado, era só escolher uma coisa da personagem e refere às pessoas em relação da coisa. Alguns dos regulares eram a dona óculos de sol que nunca os tira, o jovem de pijama que sim, você adivinhou, sempre andava de pijama. Ele deve morar pertinho. Havia também os gatos de crocs. Cada vez que Ítalo os-via, dava um sorriso e um acenozinho ganhando uns acenos de cabeça de volta. Com as amigas Ítalo chamava-lhes os croctos.

Um dia, surgiu um homem com uma pasta de couro preto como aqueles advogados que sempre usam no tribunal. Ele se vestiu como uma pessoa andando com uma pasta dessas vestiria. Um blazer também preto e uma camisa social branca com o primeiro botão livre. Na primeira vista Ítalo decidiu o apelido, homem de couro. Ítalo deu uma risada escondida a rir na própria piada, mas parou quando viu o homem de couro suando profusamente e os olhos dele injetados de sangue como se o homem de couro não tivesse dormido uns dias. Ítalo encarou um instante mais longo que deveria e seus olhos encontraram. Um choque de estresse reverberou por todo o corpo. Quebrando o olhar, ele virou as costas e tomou um gole do suco. Nas periferias da visão, Ítalo viu o homem de couro andar com propósito à mesa diretamente atrás dele e colocou a pasta entre a cadeira e o muro.

O sentido do olhar imponente do homem de couro debicando nas costas quase era demais. Ítalo pensava que não deveria se virar nem dizer nada ao homem de couro com receio de... qué? Não é contra lei estar suado e com sono demais. A imaginação do Ítalo, inundado de ideais tomou controle. Talvez ele seja um agente duplo a fugir da polícia? Um amante depois de uma briga com o marido de outra? É possível que ele esteja em dívida com alguém e precise de um lanche. É preciso ter energia para esconder das agiotas.



Perdido nos pensamentos, Ítalo percebeu que o homem de couro estava saindo da lanchonete com pressa sem a pasta. Imediatamente Ítalo se virou e viu a pasta entre a cadeira e o muro. Num segundo, ele pensou em correr atrás do homem de couro, mas no próximo segundo ele pensou, se ele pode comprar uma pasta de couro, ele terá os meios para comprar uma nova. Velozmente sem pensar mais, Ítalo saiu da cadeira e foi pegar a pasta. Era pesada. Talvez um livro? Com a pasta na mão Ítalo olhou aos arredores a ver se alguém o viu a pegar na pasta. A dona dos óculos de sol deu uma olhadinha e ergueu uma sobrancelha, mas com um encolher de ombros a dona ficou satisfeita e retornou ao café.

A chegar de volta em seu apartamento, ele jogou as chaves na mesa da entrada e levou a pasta para o seu quarto. Ele colocou a pasta ao pé da sua cama e começou andar de um lado para o outro com a mão no queixo como se ele fosse um detetive. Depois de uns minutos andando e olhando para a pasta imóvel Ítalo parou e determinou que claro que vai abri-la, mas como? Inspecionou a fechadura que era uma senha de seis números. Números demais para adivinhar. Ele pegou na pasta e espalmou a capa com pressão. As bordas e os cantos eram duros, mas as capas eram só de couro. Ele pensou estranho, mas nunca tinha inspecionado uma pasta de couro antes então. Ele se aproximou de uma gaveta na mesa de trabalho e pegou um estilete que ele usa para abrir caixas. Sem pensar mais ele perfurou a pele de couro e moveu a lâmina para cima e para baixo ao longo da borda. Com cortes ao longo de duas das arestas já deu para abrir.

Ele ergueu o couro e viu um computador. Um computador? Pois, o homem de couro não é tão interessante do como ele pensava. Pelo menos a venda dum computador para um amigo universitário seria fácil e financeiramente vantajoso. O computador era leve e fininho. Além disso não havia nenhum porto para carregar nem nada. Ainda de pé, Ítalo o abriu e viu uma tela completamente preta exceto por de umas palavras de escrita branca e pequena que estava piscando: Bem-vindo à Rota de Seda. No mesmo instante em que Ítalo leu a última palavra, houve três batidas estrondosas na sua porta.

Seventy Selves: A Cry for Freedom from Perception's Grasp

If I could escape perception's grasp,
That molds and shapes me in its clasp,
Restricting me from truly being,
Existing, speaking, and from seeing,
I would not judge great Pessoa's fate.

Instead, I'd craft seventy new names,
To shield myself from prying shames,
From wondering what each day may bring,
And what words might make others sting.

For they judge my accent, my hair,
My skin, my essence, all laid bare,
But if I could evade their eyes,
Become seventy in their lies,

Then let them perceive my other selves,
Their stories, names, and endless wells,
But let me live, truly and free,
Unshackled from perception's tyranny.



Karen Osuna
Wellesley College

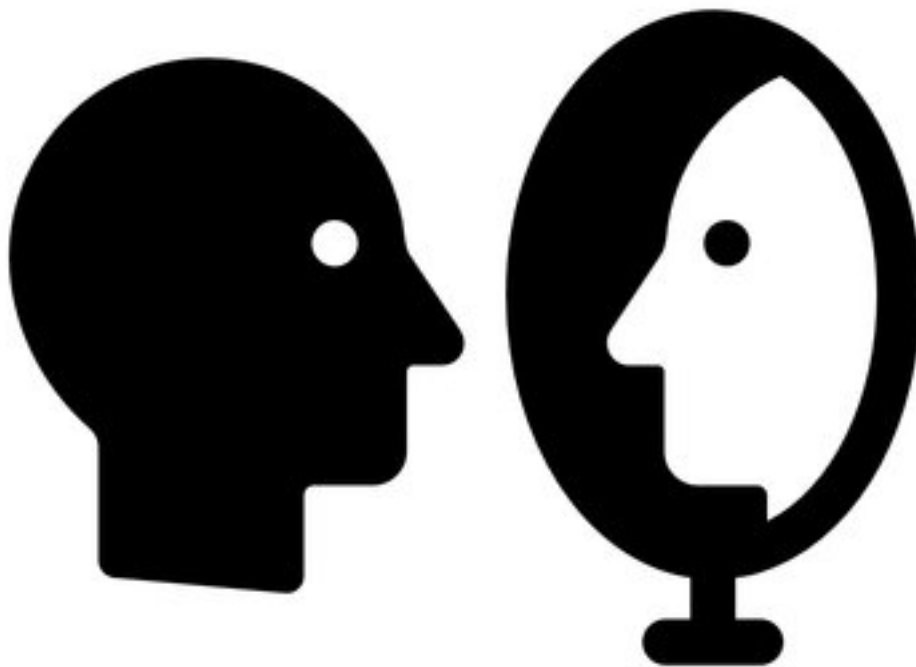
Setenta eus: Um Grito de Libertação das Garras da Percepção

Se eu pudesse escapar ao alcance da percepção,
Que me molda e me embolora na sua garra,
Me restringindo de ser de verdade,
Existir, falar, e de ver,
Eu não julgaria o destino da Pessoa grandiosa.

Em vez disso, eu geraria setenta nomes novos,
Para me salvaguardar de vergonhas intrometidas,
De se perguntar o que cada dia pode trazer,
E que palavras podem fazer outras ferroar.

Eles julgam meu sotaque, meu cabelo,
Minha pele, minha essência, todas desnudadas,
Mas se eu pudesse fugir dos olhares deles,
Eu me tornaria setenta nas mentiras deles.

Então deixe que percebam meus outros eus,
Suas histórias, nomes e poços infinitos,
Mas deixe-me viver, verdadeiramente e livre,
Livre da tirania das percepções.



Karen Osuna
Samuel Orlowsky, Port 699 - Tradução

Eu era professora
Queria ser professora
E não deu certo

Quatro anos a forçar uma roupa
que não me servia

Pois ela me apertou

As crianças puxaram as mangas
Os adolescentes mancharam os fios
O trabalhão a rasgou

A lavei e a lavei
A emendei e a emendei
E ainda não gostei

Mas algumas vezes, sim, eu gostei
Os colegas a elogiaram
Minha família a adorou
Pensei que era para mim
Mas ela chegou ao seu fim



Então,
Não sou mais professora

Sou a Mônica,
não da Turma,
porém de Milwaukee

Sou a Mônica sem missão clara

Sou a Mônica que procura
outra forma de viver

para além de ser
professora

Ser Professora

Por Maestra Murphy

Expressões idiomáticas

Uma expressão idiomática ocorre quando um termo ou uma frase assume um significado diferente daquele que as palavras teriam isoladamente.

E porque é sempre divertido brincarmos com a língua para aprendermos mais, desta vez vamos usar

expressões idiomáticas!

Aqui está o desafio: faz corresponder a expressão idiomática ao significado. Difícil???? Não!!!



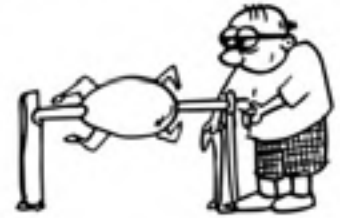
Expressão idiomática	Significado
1. Ir aos arames	a. Ficar muito zangado
2. Ser um bicho do mato	b. Desistir de um compromisso assumido
3. Falar pelos cotovelos	c. Conseguir o que se quer
4. Pôr as mãos no fogo por alguém	d. Justificar-se de forma atrapalhada
5. Fazer ouvidos de mercador	e. Inspeccionar rigorosamente
6. Ter o rei na barriga	f. Não se concretizar
7. Cheirar a esturro	g. Desconfiar de que alguma coisa não está a correr bem
8. Passar a pente fino	h. Sentir proteção
9. Meter os pés pelas mãos	i. Mudar hipocritamente de opinião
10. Roer a corda	j. Mostrar-se arrogante
11. Virar a casaca	k. Não progredir, não melhorar
12. Ir por água abaixo	l. Estar impaciente de entusiasmo
13. Não pregar olho	m. Não aguentar mais
14. Trazer debaixo de olho	n. Não dormir
15. Estar em pulgas	o. Vigiar, controlar
16. Ter as costas quentes	p. Não se relacionar com ninguém
17. Descobrir a careca a alguém	q. Fingir que não se ouve
18. Estar pelos cabelos	r. Apanhar alguém a mentir
19. Não passar da cepa torta	s. Ter confiança absoluta em alguém
20. Levar a água ao moinho	t. Não ser capaz de estar calado

PÃO PÃO, QUEIJOQUEIRO



É muito simples

MUITOS ANOS A VIRAR FRANGOS



Alguém que possui muita experiência

À SOMBRA DA BANANEIRA



Sem preocupações

Soluções

- | | |
|-------|-------|
| 1. a | 11. i |
| 2. p | 12. f |
| 3. t | 13. n |
| 4. s | 14. e |
| 5. q | 15. l |
| 6. j | 16. h |
| 7. g | 17. r |
| 8. o | 18. m |
| 9. d | 19. k |
| 10. b | 20. c |

TER MUITA LAMA



Ousadia, atrevimento

ESTAR COM OS AZEITES



Estar aborrecido ou irritado

PULGA ATRÁS DA ORELHA



Estar desconfiado de algo

ENGOLIR SAPÓS



Suportar uma contrariedade sem reagir



Divirtam-se!!!

Susana Antunes

Ryan Ammerman

